

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

11 de Novembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1635
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

A festa de Todos os Santos

A MARELADO e pardacento, é sempre assim que o Outono chega. Igual a si mesmo, descreve na órbita do tempo cronológico, invariavelmente, a sua identidade característica: a mudança. Em tempo nenhum como este a natureza nos revela, com tanta acuidade, o declínio e o fim das coisas e do homem. As árvores frondosas que no Verão abrigaram dos raios solares os transeuntes, cedem agora à fúria dos ventos e da intempérie toda a sua pujança. Nuas, aparentemente mortas, escondem porém a promessa da vida que regressará de novo em outro ciclo. Não bem assim para o homem... Mas para aquele que crê: «a vida não acaba» e, como reza o prefácio da Missa exequial, «desfeita a morada deste exílio terrestre uma habitação eterna se adquire no Céu...»

A festa litúrgica de Todos os Santos tem o sabor desta perenidade, logo envolvida pela saudade dos que já «partiram antes de nós marcados com o sinal da fé e agora dormem o sono da paz...» De igual modo nos recorda o salmista «que a vida do homem é como a flor do

campo que de manhã reverdece e à tarde seca» ou, piedosamente, como o autor sagrado, «ensinai-nos Senhor a contar os nossos dias para chegarmos à sabedoria do coração...» A morte, tal como a vida, caminham, inquestionavelmente, connosco desde o primeiro instante da vida celular. Uma é condição da outra. Mas, como nos revelou o Sacrifício de Cristo na sua descida à mansão dos mortos, «aos infernos», a morte foi definitivamente destruída e aniquilada. Quanto cabe a nós, agora, e nos séculos futuros, pessoalizar este poder que Cristo instaurou para sempre! A luta contra a miséria e as desigualdades sociais, contra a fome e a doença, contra a violação dos direitos humanos; a instauração de uma mentalidade ecológica de respeito pela vida e pelo espaço que todos partilhamos e que a todos pertence, são vertentes decorrentes do mesmo poder reconciliador e salvador de Cristo. Trata-se de subtrair à morte um poder dominador e concorrente, expurgando-lhe o seu carácter trágico e dramático. A maturidade espiritual de Francisco de Assis levou-o a tratá-la com enlevo fraterno: «a minha irmã



Malanje: «O trabalho é a nossa maior riqueza».

morte...» e ainda outros que, animados do mesmo espírito, em súplica confiante, confidenciavam: «Senhor ensinai-me a viver a minha morte...»

Pai Américo olhava o grão de trigo, lançado à terra, na Primavera. Grão prenhe de vida e geneticamente capaz. Extasiado dizia: «Olha o grão de trigo... morreu! Depois, tanta vida, tanta flor, tanto fruto... os que passam, os que vêm. Que ocasionou tudo isto? A morte» — concluía — «gosto desta morte porque espalha a vida». O mesmo espírito de superação, de reconciliação. Um espírito a cultivar, a testemunhar sempre e, principalmente, nos tempos de mudança.

Padre João

Calvário

A oferta e o achado

O Júlio recebeu, há dias, uma caixa cintada com laço colorido. Ficou encantado com ela. Guardou-a toda a noite, debaixo do travesseiro, sem a abrir.

Na manhã seguinte caíram-lhe todos em cima:

— *Dá-me um bombom.*

O Júlio não teve outro remédio senão abri-la e começar a distribuição. A caixa esvaziou-se em pouco tempo.

— *Então e tu?*

— *Eles ficaram todos contentes.*

O rapaz não chegou sequer a provar os doces, mas ficou feliz com a partilha.

Lembrei-me das mães, com os filhos ao colo. A alegria delas é que os filhos se saciam com o leite que escorre dos seus peitos.

O Pai Celeste é Aquele que Se nos dá todo em Seu Filho. E Cristo é Aquele que todo Se deu.

Quando o homem se dá totalmente reflecte o próprio Deus.

O Júlio, com este gesto, deu uma certeza no cravo. Fiquei contente. Mas, logo, de seguida, ele dá outra na ferradura. Fiquei desolado. Foi deste modo:

Em boras de trabalho o rapaz começou a ouvir os estalos de foguetes lá longe. Suspeitou que houvesse festa por aqueles lados e resolveu deslocar-se até lá. A orientação no caminho foi dada pelos estalos dos foguetes. Ficou deslumbrado com a romaria. Mas as horas passaram rápidas. Quis regressar, mas não sabia por onde. Estava perdido. Forasteiros repararam na sua inquietação e resolveram chamar a Guarda. Esta veio trazê-lo a nossa Casa. Já era noite quando chegaram.

Na manhã seguinte a mesma viatura que o trouxera, apareceu no largo da Casa. Um dos guardas perguntou se não tinha deixado ali o boné.

Mandámos chamar o Júlio e o rapaz aparece com o boné na cabeça. Ele conseguiu ficar com o boné do guarda!

— *Veja lá. Foi a primeira vez que me roubaram!*

— Ele não roubou, senhor guarda. Apenas tomou posse do que encontrou no banco do seu carro — respondi-lhe.

São assim os rapazes da rua: tudo quanto encontram é deles.

Os filhos de Adão querem o mundo todo para si. Mas estes rapazes com pouco se contentam. É compreensível a sua ânsia de algo possuir, pois, na vida tudo lhes foi negado.

Padre Baptista

Património dos Pobres

O meu último escrito sobre este tema, com a fotografia da casa em construção, atingiu a consciência de alguns Leitores.

A casa já tem telhado e, quando este chegar aos vossos olhos, estará rebocada por fora e por dentro, dizendo melhor o que Deus quer para os Pobres que ama.

As dificuldades continuam a surgir de onde menos esperávamos, mas sabemos, de antemão, que estas obras são sempre marcadas por muitas contrariedades, só conhecidas por quem se mete nelas.

Fazer o bem assim... gratuitamente... gera brasas acesas na cabeça de quem, não acreditando, inventa razões desatinadas, quando uma só é verdadeira — o amor pelos Pobres, na esteira de Jesus Cristo.

Não nos faltam forças para vencer!

Vieram críticas positivas e negativas: Que a casa é grande demais, que não era preciso tanto, que há muitas famílias a viver mal, etc., etc. A gente ouve e anda em frente.

Hoje, uma casa não se faz de qualquer jeito. Há leis a controlar a construção das habitações. Leis boas. Somos por elas e gostamos de as respeitar.

Quantos projectos são necessários para se aprovar, em Câmara, uma moradia? — Sim, quantos?!

— Tudo está previsto, tem de ser calculado e descrito para ser autorizado.

Pretendemos amar os Pobres e com eles pôr Deus presente no mundo. Não nos move resolver o magno problema da habitação, mas somente mostrar como o Evangelho nos inspira.

Vieram elogios e manifestações de alegria que muito nos consolaram e cartas com sinais de comunhão que não resisto a transcrever:

«Li n'O GAIATO o seu artigo sobre o Património dos Pobres — e é desolador!

A avaliar pelas habitações caríssimas que se vendem, pelos condomínios fechados que proliferam, o que falta não é dinheiro! — É Caridade.

Eu não tenho muito dinheiro, mas vivo em casa própria dotada de todas as comodidades fundamentais e avalio (ou será que não consigo avaliar?), o horror que é viver em casebres e casas degradadas!...

Peço-lhe que fale mais do Património dos Pobres n'O GAIATO para que tal obra não fique esquecida.

Junto um cheque para as vossas despesas, é mínimo, mas é o que posso de momento.»

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

21% ABAIXO DO LIMIAR DA POBREZA — Cerca de 21% da população portuguesa vive abaixo do limiar da pobreza, valor que sobe para 41% entre os idosos com mais de 65 anos e que vivem sozinhos, destaca o Plano Nacional de Acção para a Inclusão (PNAI), que prevê custos de mil milhões de euros com o Rendimento Social de Inserção (RSI), até 2008.

Em fase de discussão na Assembleia da República, o PNAI 2006-2008 inclui verbas totais superiores a 4.700 milhões de euros, incluindo fundos comunitários, com o RSI a absorver 331,5 milhões de euros, mais 17,9% do inicialmente previsto no Orçamento de Estado.

A iniciativa Novas Oportunidades, que prevê a adesão de 475 mil jovens em acções de formação profissional, são afectados 1.100 milhões de euros.

O documento traça três grandes objectivos: combater a pobreza das crianças e dos idosos; ultrapassar as discriminações, reforçando a integração das pessoas com deficiência e os imigrantes; e quebrar o ciclo da pobreza persistente que tem vindo a reproduzir-se de geração para geração.

O Plano foi elaborado por uma equipa com representantes de catorze ministérios e regiões autónomas, e contou ainda com o contributo de várias organizações não governamentais.

(Artigo de jornal amigo)

PARTILHA — Vinte e cinco euros, da assinante 72148, de Alfragide.

Luso: «Trinta euros, da assinante 53241, importância relativa à contribuição de Setembro, para necessidades mais prementes dos Pobres da Conferência».

Paranhos, da Beira, com «um excedente para aplicarem no mais necessário», do assinante 77414.

Trinta euros, do assinante 20753, de Coimbra, «dando graças a Deus por tudo o que fazem. É uma 'migalhinha' para o que for preciso. Continuo a rogar ao Senhor: Paz aos corações de todos os homens do nosso tempo e gerações vindouras».

A assinante 5963, de Paço de Arcos, «um cheque de setecentos euros com a saudação fraterna — a minha partilha habitual».

Uma Amiga, de Santo Tirso, também de há muito tempo, cem euros — e um grande abraço para todos nós. Agradecemos.

Mais 25 euros, do assinante 68570, de Condeixa, «para ajudarem aqueles que precisam da vossa ajuda».

A assinante 57002, da Senhora da Hora, «com pequena migalha de duzentos euros para as necessidades dos vossos Pobres. Sei que serão bem distribuídos e sinto-me grata por participar convosco. Deus proteja e ajude o trabalho de fazer bem».

Agora, «cem euros, da assinante 14081, de Vila Nova de Famalicão,

com muita amizade, para ajudar aquela gente que tem dificuldades em pagar medicamentos. Peço anonimato e agradeço uma referência no vosso Jornal para ter a certeza que chegou, não preciso de recibo».

Assinante 7769, do Porto, «duzentos euros para serem aplicados no que for mais urgente».

A nossa gratidão, para todos os Amigos(as).

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Segundo jogo, segunda vitória. Mas mais importante que a vitória, foi a postura das duas equipas dentro das quatro linhas. Se os nossos Rapazes se portaram bem, e isso foi uma realidade, o nosso adversário, em nada foi inferior. Recebemos os Juniores do Clube Desportivo de Sobrado, a quem ganhamos com golos de Ilídio (que golão!), «Bolinhas», Abílio e Ricardo Filipe, que bem precisa de ser mais humilde, quando é chamado à atenção. O nosso adversário também mandou por duas vezes o Teixugueira buscar a bola ao fundo da baliza. Um jogo bem disputado do primeiro ao último minuto. Duas equipas que se bateram muitíssimo bem e sem o mínimo de confusão. Os Rapazes de Sobrado pareciam que não tinham olhos nem boca! E porque é que não somos todos assim, a jogar futebol?! Se eu soubesse que existia um alouque invisível, para pôr na boca do Patrick, palavra de honra que lho punha durante o jogo. Assim como uma protecção para as pernas, para quando alguém lhe toca, ele não começar logo a mandar vir. É demais! Foi um dos melhores em campo, mas tantas há-de levar e ouvir, que qualquer dia, vai ser o «menino» mais bem comportado dentro do campo. Vamos esperar para ver!

No final do jogo, recebemos das mãos do senhor Presidente do G. D. Sobrado uma camisola com o n.º 1, rubricada por todos os jogadores, equipa técnica e dirigentes ali presentes, com a seguinte dedicatória: «Foi com muita estima que o Clube Desportivo de Sobrado se deslocou à Casa do Gaiato, no dia 14-10-2006 para realizar um jogo de futebol, com os Rapazes desta prestigiada Instituição».

Uma semana depois, recebemos o Xisto — Santa Marta. Um jogo difícil, mas com a raça, a dedicação e o querer de alguns dos nossos Rapazes, conseguiu-se somar a terceira vitória consecutiva, com golos de «Bolinhas» e outro do Rogério de grande penalidade. Começámos por sofrer primeiro, mas ninguém se deixou intimidar, já que tudo nasceu de um erro da nossa defesa. Toda a equipa saiu do campo completamente esgotada, mas «Bolinhas» contribuiu e muito, com uma exibição de luxo e um grande golo, que ditou o empate. Patrick não entrou como se esperava no jogo, por isso, foi substituído. Não acatou da melhor maneira a decisão e talvez tenha ditado a sentença... Quem não sabe respeitar a camisola que enverga, não é digno de a vestir. Pelo menos para já! Um jogo para esquecer, não só pelo mau tempo que se fazia sentir, mas, também, pelo futebol pouco con-



Parte da manada da Casa do Gaiato de Malanje — na Carianga.

seguido pelos Rapazes da casa. Muita falta de humildade e de discernimento! A homilia do nosso Padre Acílio, na Missa que se seguiu ao jogo, veio mesmo a propósito! Espero que todos tenham ouvido bem tudo o que foi dito. Não vamos desanimar mas vamos, isso sim, ter que conversar muito seriamente. Não podemos andar ao sabor das ondas e daquilo que cada um quer...!

Alberto («Resende»)

Setúbal

VISITANTES — Recebemos, em 1 de Outubro, um grupo de Amigos, de Castelo Branco, na nossa Casa. Os visitantes participaram na nossa Celebração Eucarística e conviveram com os rapazes no decorrer do dia. Almoçaram connosco e prepararam uma merenda que satisfiz qualquer rapaz que a provou.

TORNEIO — Terminou devido às condições de clima. Foi o primeiro torneio de futebol de sete a ser realizado nesta Casa. Foi atribuído o título de campeão à equipa B, que se encontrava em primeiro. Para melhor marcador foi premiado o Sandro Tiago, com seis tentos. Por último, no sector de treinadores, foi eleito, sem derrotas, Nuno Tavares que já é conhecido, entre nós, como o «Mourinho». O Sérgio Gabriel, Director do Torneio, deu os parabéns a todos os participantes.

JOGO AMIGÁVEL — Tivemos, há quinze dias atrás, a honra de receber alguns elementos da PSP, de Setúbal, para realizarmos um jogo treino com os rapazes que integram a equipa principal da Casa. Para além de um jogo bem disputado, fizemos novas amizades... vencemos 11-1.

D. TERESA — Está ao serviço da nossa Casa há mais de 50 anos. Pena que entre a hora do jantar e do descanso nocturno, a senhora, já com 83 anos, desse uma queda fracturando o fémur. Actualmente, está a ser tratada no Hospital do Outão. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Daniilo Rodrigues

Malanje

A Velha Guarda é uma associação dos veteranos de Malanje, não governamental nem política. Não sei bem a origem, mas a forma como trabalham. O seu presidente, Carlos Cunha, foi colega de curso de um dos nossos gaiatos, nos anos 70. O nosso «Falcão».

É um dos sócios da empresa de construção «a Prumo» que nos reabilitou a cozinha e a sala-de-jantar — ficou um primor!

Num destes dias, reuniram-se com o propósito de nos fazerem uma oferta de bens alimentares. Já nos têm congratulado com estas ofertas só que, desta vez, honrou-nos com duas toneladas e meia de bens alimentares como: arroz, massa, feijão, tomate, margarina, óleo, bolachas, conservas, salsichas, fuba e outros mimos que muito jeito nos deu. A despesa, que aguarda o contentor, estava completamente vazia e ficou cheia. A hora da entrega foi no momento exacto, à hora certa no local certo. Pena é que este exemplo não seja seguido por outras empresas ou organismos. Têm um terreno, por nós cedido, para a construção dum lar de idosos, já cercado com abacateiros. Não é uma associação de propaganda, mas assumida nos seus compromissos. Que Deus lhe dê coragem e força para que os seus projectos sejam uma realidade.

Há que dar um voto de confiança divulgando a grande formação ao serviço do Povo. Vieram acompanhados de repórteres, que fizeram questão de mostrar e comunicar ao País a grande Obra realizada, em Angola, em prol dos mais necessitados, a Casa do Gaiato, em Malanje, fundada pelo nosso Padre Telmo que já é considerado um grande benfeitor deste País de grande dificuldade e crescimento para o bem do povo. Um bem-haja à Velha Guarda, é o nosso agradecimento.

Chega-nos, pela manhã, a notícia de que alguém nos levou parte da cebola plantada na Carianga. A tristeza invadiu os nossos rostos, não sabendo quem e porquê tamanho feito. Alertados para uma possível suspeita, não

quisemos arriscar. A Soba da sanzala mais o marido de Camassesse a quem também roubaram da sua lavra a mandioca. Resolvem vigiar, na noite seguinte, para descobrir os presumíveis larápios. Qual o nosso espanto ao ver, pela madrugada, dois vultos de saco às costas em direcção da sua sanzala? Interpelados e reconhecidos, fazem-nos mostrar a mercadoria. Era cebola, e mais não sabemos. Guardaram em sua casa até comunicar a quem de direito.

Padre Telmo informa o Joãozinho, responsável pela agricultura, do roubo e das presumíveis suspeitas, indo, de seguida, à fazenda da Carianga. Os Sobas, ao saberem da presença do Padre Telmo, vão ao seu encontro para lhe comunicar do roubo que lhes fizeram. Ouviu a queixa e disse: — A nós também nos levaram parte da cebola.

— A cebola está em nossa casa — dizem os Sobas, e acrescentam: — foram os seus guardas. Mande o jeep e traga a cebola que está à guarda do nosso adjunto.

Miguelito, Delfim e os Sobas foram. Ao chegarem a casa encontraram o guarda da cebola completamente embriagado com caporoto, bebida que fora trocada pela cebola. Os Sobas castigam o guarda sem compaixão. Delfim, que presenciava o castigo, pede que não os amache e dá uma investida do Camassesse à Carianga ao encontro do Padre Telmo. A transpirar agita a cabeça e os braços, dizendo: — Vá lá porque eles matam o pobre homem.

Ao vê-lo tão desorientado, logo pensou num possível acidente com o jeep, mas não. Era a aflicção do Delfim ao presenciar a tarefa dada pelos Sobas ao guarda. Delfim está há quatro meses na Carianga, com o Padre Eduardo no ermitério. Homem bom e muito sensível a estas situações.

Indignado com toda esta situação, Padre Telmo toma a decisão. Guardas despedidos. Pedem clemência, prometendo não repetir o erro, o que não era a primeira vez, justificando, assim, a necessidade do seu posto de trabalho. A falta é grave. Os nossos guardas! A quem foi confiada a missão de guarda da nossa Casa! Como se pode deixar impune os nossos guardas? Que este exemplo sirva de remédio a outros guardas.

Júlio Silva

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Outubro,
53.500 exemplares**

Património dos Pobres

Continuação da página 1

É uma Senhora, de Lisboa, que escreve. Assina, mas não devo revelar. O cheque foi de quinhentos euros. Ela põe o dedo na ferida — «o que falta é Caridade».

Ai, se houvesse Caridade, e ela fosse abundante, todos os males do mundo se resolveriam!

Sim, minha Senhora, o que escasseia é a Caridade. Deus é Caridade! E a Caridade é Deus!

É capaz de ser, por isso, que os homens, afastando Deus do seu horizonte, inventaram o «remedeio da solidariedade» como conceito *atualizado*. E quanta gente não embarcou a pregar a solidariedade para ser moderna?!...

Ideia mais macia, mais morna, menos exigente e comprometidora e, sobretudo, mais da moda.

Outra carta, da Trofa, com um título tirado do *Património dos Pobres*, «A capa da Misericórdia é o ornamento mais belo da Igreja de Deus»:

«Já cansado do trabalho decidi ir descansar, mas eis que os meus olhos se cravaram no nosso *Jornal O GAIATO*. Apossou-se de mim tal curiosidade que não resisti em dar uma vista de olhos... Uma santa mulher, mãe de dez filhos e mais um filho querido, filho do destino sem abrigo!...

Eu não só li, como bebi lentamente ficando, no final, completamente saciado do 'Deus Amor', tal samaritana sedenta da sede de Amor!»

Continua com a sua reflexão enviando também um cheque de cinquenta euros.

De Cebolais de Cima, vem outra mensagem com votos de muita força e Fé em Deus lembrando a consoladora memória do nosso Padre Horácio e um cheque de mil euros.

Outra, ainda, também de Lisboa. É um Amigo que se aproxima epistolar e pecuniariamente, todos os meses: «*Cem euros para cem tijolos*».

Maria José, do Porto, concretiza:

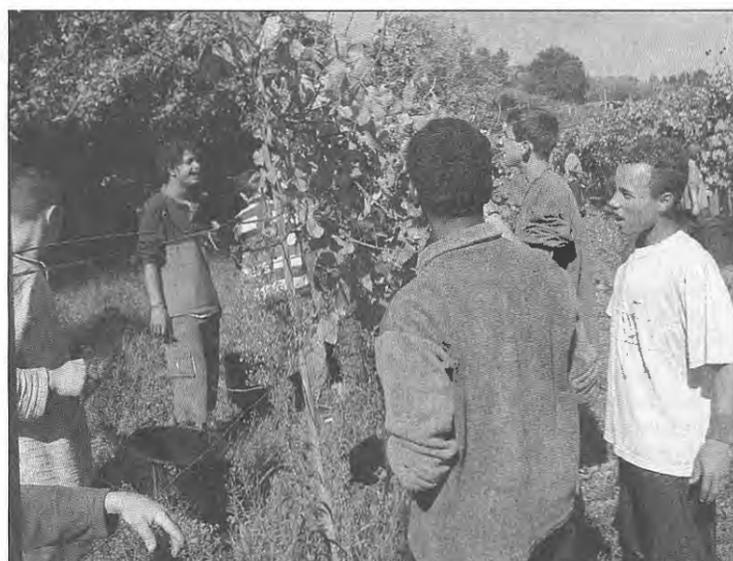
«*O Amor vem de Deus, mas nós — os homens — temos de ser obreiros do Amor de Deus, cá, na Terra. (...) A Obra do Padre Américo, apesar de todas as maldades do homens, continua a realizar, em favor dos mais necessitados, uma grande Obra de Amor! Falem sempre n' O GAIATO daquilo que vos atormenta e das necessidades, pois, assim, obrigam-nos a lembrar que temos obrigações para com os nossos irmãos*».

Um Bispo, mandou-me, também, mil euros cheio de desprendimento: «*Só Deus me basta!*»

Espero, brevemente, trazer outra fotografia com a casa mais adiantada.

Temos mobília para dois quartos, uma mesa de cozinha. Encomendei uma bancada para a mesma. Preciso de um fogão, de um frigorífico, um esquentador e mobília de sala de jantar.

Padre Acílio



Casa do Gaiato de Paço de Sousa — A nossa vindima foi uma festa!

Pai Américo, parabéns!

Portugueses recordai
Este grande coração
Igreja acelerai
Sua Beatificação.

Entre os homens foi pioneiro
Deus deu-lhe da Sua loucura
De ser Seu mensageiro
Da criança em ruptura.

E a loucura do divino começou
Com tanta misericórdia
Que de alma e coração se entregou
Este Padre tão cheio de Glória.

Obra do Gaiato ímpar em Portugal
Que a injustiça já quiz denegrir
Jesus fechou a porta a esse mal
E jamais essa porta vai abrir.

Guerreiro de Paz na terra
Entrava a desfalecer
Mas lado a lado com Jesus
Tirou da lama a criança
Que não pediu para nascer.

Tudo aparecia na hora certa
Tudo pelo Povo de mão aberta
Por esse Povo ele era amado
Porque pelos homens do poder
Nunca foi subsidiado.

Em 23 de Outubro de 2006
Faz 119 anos que nasceu
Pai Américo rei dos reis
Continua vivo não morreu!

119 velas sopram além
Foste cá na terra um dos mais nobres
Portugal em união também
Te diz: — Obrigado Pai dos Pobres.

R. L. C.

Riqueza e pobreza — Espírito e matéria

Padre Américo uma criatividade
Infinita! Oh, há muita gente igual!
Dizem alguns — criativos na realidade
E cuja riqueza não tem nada de Mal!
Mas há a absoluta diferença: a verdade
Que entre ambos é totalmente desigual!

O criativo materialista
É sobretudo a pensar no dinheiro!
No ter, poder, prazer — comodista
Quer acumular riqueza primeiro!
Empresas, stocks, quintas de bela vista
Cofres cheios — dominar o Mundo
[inteiro!]

Vaidoso, orgulhoso, arrogante
Quer prestígio, ser sempre destacado
De um Povo que diz ser ignorante!
Com ele não se junta, vê-o mal educado
Fecha-se em fortalezas só de si diante
E quer lá saber do irmãos esfomeado!

Ele é sozinho! A riqueza é ao lado
Ele não a dá a nenhum irmão!
Mas tudo ficará aqui quando for mudado
Para outro Plano encerrado num caixão!
Vazio chegará junto do Juiz destacado
Para lhe dar a Cruz de sua sublimação!

Mas aquele que fez como cofre
[seu coração]
E sua Alma orientados pelo Espírito
E sempre foi dádiva até da còdea de pão
Que falta lhe fazia!, esse Ser bendito
É cheio de riqueza de divina bênção
E chegará ao Alto em valor infinito!

Um é pobre, todo vazio de valores!
O outro é cheio de riqueza divina
Porque na Terra se deu a lindos amores
A cada irmão — a quem sua vida destina
— Estes os Sábios e Santos!, salvadores
E são eles só quem a verdade ensina.

A. N.

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No dia 23 de Outubro comemora-se mais um aniversário do nascimento de Pai Américo. É uma data para reflectir, principalmente, sobre a Paz e a falta de amor ao Próximo. O nosso Planeta anda muito longe destes sentimentos.

O dia de aniversário, duma alma como a de Pai Américo, podia ser o dia de amor ao Próximo. Como todos sabem ele era uma pessoa muito preocupada com os outros.

Vamos meditar e orar para que, Pai Américo, não se esqueça de todos nós. Eu, pessoalmente, tenho muita fé nele e peço-lhe protecção espiritual muitas vezes.

As nossas finanças estão um pouco

melhores, mas temos de lutar, sempre, para que tenhamos meios de ajudar os que mais precisam da nossa ajuda.

A nossa Amiga, assinante de Lisboa, que também já foi vicentina, sabe bem das nossas dificuldades e envia vinte euros.

Amiga, de Fiães, como sempre, manda a sua ajuda.

Jorge, de Coimbra, a mesma coisa. Assinante 7769, roupa em muito bom estado e algum dinheiro.

S. Pedro do Estoril, 25 euros. Também da nossa Amiga, de Rio de

DOCTRINA



«Santos da porta não fazem milagres»

VEIO aqui uma mulher de mando do Pároco da freguesia, portadora de uma carta e, pela mão, um pequeno. Veio por duas vezes. À segunda, ficou. O rapaz vestia calça comprida, casaco e colete, botas e chapéu e uma fitinha de seda branca na lapela, com uma medalha pendente. Nunca se vira aqui tal! O rapaz foi imediatamente rodeado e perguntado!

— Tu és um homem?...

— Qual homem, diz o «Sapo» da Murtosa; ele é mas é um parolo!

Este simples incidente que dá aos Leitores, seguramente, muito que falar e rir, a nós, dá muito que sofrer! Primeiro que o «parolo» se afeioe à malta e esta a ele, quantas arestas não entram na engrenagem da nossa vida, que nós temos de limar todos os dias, com o suor do nosso rosto — quantas!

A Obra da Rua não foi criada nem se destina a rapazes desta natureza. Os órfãos não têm cá lugar. Isto sabe-se por todo o País, menos aqui à porta!

A mulher que o trouxe, tia ao que parece, falava em «colégio». Pedia para o «menino» ficar no «colégio». Era este o recado que trazia!

A carta do Pároco falava em caridade: «É uma grande caridade aceitar o rapaz aí».

E eu digo que não é. A caridade é bem ordenada. Rapazes desta índole causam a desordem e tiram a vez aos que aqui pertencem.

O Povo das vizinhanças não conhece o ser desta Obra. Não está informado. «É um colégio!» Os que podiam informar não o fazem; ou fazem-no a seu modo, o que é muito pior. Sente-se uma torre de reticências em redor. Observa-se sem recta intenção. Não são os obreiros do Evangelho os que trabalham para a Obra, muito menos quem vai à frente. Não é a vinha do Senhor: «Ali não há religião», diz-se. Comenta-se a Obra do «tresloucado»: «Podia ter-lhe dado para atirar pedras!» Receia-se muito das suas «loucuras». «Meta-se-lhe um freio nos dentes, para ele estar quieto!» Isto são ditos correntes que passam de boca em boca. Mas as cartas são mais «mimosas» Eis algumas palavras tiradas de uma, de vizinhos da porta: «V. (eu) é um leviano. Lamento profundamente que lhe falte (a mim) aquela cultura e aquela inteligência que somente são possíveis com tendências naturais e muito tempo de preparação. Com habilidade e propaganda podem fazer-se casas comerciais, mas não construir e dar rumo a uma obra dessa envergadura, daí os erros de origem que a tolhem e que são muitos.»

ORA estas e outras esbarrachadelas são um mal necessário. Elas são o selo branco da Obra. Respondem à voz do Povo: «Santos da porta não fazem milagres», graciosa exegese daquela verdade eterna: «Não há profeta com honra na sua própria terra!» Eu sou natural daqui. Nasci e criei-me aqui. Tenho parentes vivos. Quem me deu autoridade para fazer maravilhas? Aonde as credenciais?

DEPOIS de eu morrer, sim. Quando os meus sucessores tomarem conta, far-se-á luz. Mas é necessário que antes venha a morte. «Se o grão de trigo não morrer, não há trigo.» Outra verdade eterna. Com estes fundamentos, meus senhores e minhas senhoras, não há Obra que sossobre, por mais violência que lhe façam. Os ataques são, até, uma prova da sua força. «É preciso que o Filho do Homem padeça» — disse o Mestre de Si mesmo. E daqui nasce que todos quantos no mundo se aventuram a verdadeiramente amar, muito têm de padecer. São os discípulos. Por isso há tão poucos!

O. Amín: 5!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Mouro. D. Francelina, pede desculpa por ver mal e escreve com dificuldade — não tem que pedir desculpa nenhuma!

De Esmoriz, «mais uma gotinha para o que for mais necessário». De Setúbal, Maria do Carmo, 100 euros «para ajuda no arranjo do telhado da família com muita precisão».

Em nome da nossa Conferência,

agradeço a todos pelas ajudas enviadas. Estávamos a precisar muito, pois encontrávamo-nos quase na falência.

Por agora, podemos respirar um pouco mais, mas espero que não se esqueçam dos nossos Pobres.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana

Uma Boa Notícia

... **A** da atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Doutor Yunus, aqui a deixei há quinze dias, mesmo sobre o acontecimento, com o desafio de que ela «não esgote interesse dos *Media* que podem e devem informar-nos do que o Banco Grameen já está fazendo, por exemplo, em Angola e em Portugal». Não dei porque ela fosse retomada, e ampliada, ao longo da quinzena, mas parece-me justo assinalar a importância que, também sobre o acontecimento, lhe deram o *Público* e o *Correio da Manhã*.

O primeiro em artigo do Dr. Jorge Wemans que, por ser homem que sabe do assunto e o tem vivido intensamente, me atrevo a transcrever para tantos dos nossos Leitores que o não são daquele periódico:

«A Economia ao serviço da Paz

A história deste homem é, em si mesma, uma fábula. Não uma história de fadas, mas um conto de enorme significado moral. Um daqueles improváveis que mudam o percurso das coisas e introduzem algo de radicalmente novo no passar dos dias.

Ninguém diria que o Professor de Economia regressado dos Estados Unidos — formado numa das escolas mais adeptas do 'mercado livre' — pudesse olhar para os pobres da sua cidade e ver neles mais do que pobreza que já conhecia das estatísticas. O que Muhammad Yunus viu nas pessoas do bairro de lata pelo qual tinha de passar todos os dias a caminho da Universidade de Daca, foi pessoas trabalhadoras, engenhosas e empreendedoras, lutando com energia pela subsistência quotidiana, limitadas no seu crescimento pela ganância de usurários, ou dos fornecedores de matérias-primas.

O primeiro mérito do fundador do Grameen Bank foi ter acreditado na sua observação. Mesmo se ela contradizia todo o arsenal teórico que aprendera e dominava. Ver a realidade para além dos clichés culturais, científicos ou outros que a justificam e impedem de ver nela as potencialidades que a podem transformar, é um modo de olhar habitualmente reservado aos génios, aos artistas, aos criadores. Desse ponto de vista, Muhammad Yunus é, sem dúvida alguma, um génio, um dos grandes criadores do final do século passado.

O seu maior mérito é o de ter persistido na convicção de que os pobres são capazes de empreender para construir um futuro melhor para si e para as suas famílias. O seu outro grande mérito é o de ter formulado uma ideia simples e de a ter testado dentro do melhor espírito anglo-saxónico (ele dirá bengali): experimentar em pequena escala, recolher os ensinamentos, adaptar os procedimentos, induzir para uma escala maior e assim por diante, passando das 24 mulheres de há 30 anos, para os 6,6 milhões de empréstimos de hoje, no total de 4.500 milhões de euros, só no Bangladesh.

Tenho, por acaso que a vida tece e por ser um dos fundadores da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), frequentado o professor Yunus na última década. A impressão que me causou na sua última vinda a Lisboa — Janeiro deste ano, a convite

da ANDC — foi a mesma de quando o conheci há 10 anos em Madrid. A de um homem tranquilo, pequeno e tímido, quase a pedir desculpa por estar presente. A tranquilidade não desaparece quando fala do microcrédito e, sobretudo, quando traz à conversa (ou à conferência) as pessoas concretas que mudaram as suas vidas graças a um pequeníssimo empréstimo de alguns dólares. Mas à tranquilidade junta-se a energia, a convicção e o optimismo, de tal forma que não é possível duvidar de que em 2010 serão, em todo o mundo, mais de 200 milhões as famílias com acesso ao microcrédito.

Ao atribuir o Nobel da Paz a Muhammad Yunus, a Academia Sueca coloca a luta contra a pobreza, a redução das desigualdades e o desenvolvimento social como condições de construção da paz. Yunus simboliza essa luta, esse desenvolvimento e essa construção. Mesmo que para tal seja preciso, como gosta de dizer, 'estudar como os bancos actuam e fazer tudo ao contrário: confiar nos pobres, emprestar aos que não têm bens nenhuns, ir ter com as pessoas em vez de esperar que elas venham ter conosco'.

Antecipio que o discurso de Yunus na cerimónia de entrega do Nobel da Paz será um texto memorável. Simples, bem-humorado, certo. Através dele serão muitos milhões de seres humanos a festejar o caminho que trilharam para sair da pobreza.»

Também eu, que estou longe de conhecer o Doutor Yunus como o articulista, aguardo com expectativa um discurso com os qualificativos apontados: «Simples, bem-humorado, certo».

Do segundo periódico citado, quero transmitir, exactamente, respostas à pergunta que formulei: «O que já se está fazendo em Portugal» na linha e pelo impulso exemplar do Banco Grameen?

«— Só em 2005 a concessão de microcrédito no nosso País quase duplicou, totalizando 693.730 euros. Desde 1999 foram criadas por este meio 630 empresas e 700 postos de trabalho.

— A concessão do microcrédito obtem-se com o apoio da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) que aplica em Portugal as soluções financeiras do Banco Grameen. A Associação ajuda a estabelecer um plano para a formação da empresa. Mais tarde, faz então o pedido junto do BCP, CGD ou BES.

O crédito está acessível a pessoas desempregadas ou com trabalho precário e com menos de 65 anos, depois de consolidada a ideia sobre a empresa pretendida. Nunca este crédito é concedido para fins de consumo, razão porque muitos que a ele recorrem, não podem ser atendidos.

— Mais informa a ANDC que acima de 90% dos atendidos cumprem o pagamento dos empréstimos...»

Sei que em Angola, e creio que também em Moçambique, o microcrédito está já presente; mas não tenho mais que estas vagas notícias.

Padre Carlos

Benguela

A habitação tem importância capital

VÁRIAS pessoas vieram trazer-me os problemas dos seus filhos. Buscavam a solução, colocando-os na Casa do Gaiato. Depois de lhes revelar quem éramos, entendiam que este não era o lugar. Queremos ser a Casa de família dos sem família, enquanto houver filhos abandonados. E, para bem nos certificarmos, vamos ao meio ambiente em que vivem, quando nos dizem que não têm ninguém de confiança.

Assim aconteceu, há dias. Eram duas crianças, cujos pais tinham morrido. Alguém da família empenhou-se em colocar os filhos na Casa do Gaiato. Desloquei-me à morada das crianças. Tinham a

avó, ainda cheia de vida. Prontificou-se a levar os netos consigo. Havia uma relação afectiva muito forte. Era o mais importante. A solução mais adequada foi encontrada, para satisfação de todos. Para bem resolvermos os problemas das crianças temos que nos fazer crianças, sem deixarmos de ser adultos. De contrário, corremos o risco de buscar para as crianças o que nos é mais fácil e conveniente, mas não é o melhor para elas. Por isso a porta da nossa Casa, sempre aberta, é estreita, como dizem, porque só entram e ficam os que não têm família. Ou são como se a não tivessem. Sim, a família existe somente onde há

verdadeiro afecto, com relações bem seguras pelo amor. Enquanto houver filhos nas condições de abandono, o direito primário é para eles, em nossa Casa.

A habitação, sem dúvida, tem uma importância capital para a estabilidade da família e a educação dos filhos. A casa ajuda a unir os pais e os filhos. Tenho disso uma experiência muito viva, quando a guerra bárbara e devastadora separou as famílias, por longo tempo. À medida que dávamos ajuda para a construção da moradia, pobre e precária, embora, os pais juntavam-se e os filhos também. Por isso, levo no meu coração a grande aflição de ver gente

PENSAMENTO

Em qualquer das vossas obrigações e durante os vossos trabalhos e nas vossas caminhadas, podeis abrir conversa com o Pai Celeste. Nas vossas dúvidas, nas encruzilhadas, nas hesitações, podeis abrir conversa com o Pai Celeste. Nas tentações, que são de todo o momento e por toda a vida, isso então *deveis* abrir conversa com o Pai Celeste. (...) As conversas improvisadas são a grande oração.

PAI AMÉRICO

Setúbal

Crime horrendo

A realidade do aborto que hoje a sociedade discute, é a evidente perda do sentido da vida da mesma, ou parte dela. Este crime, horrendo, que é ceifar uma vida humana em desenvolvimento é, antes de mais, um crime moral que choca qualquer consciência que sabe valorizar a realidade intocável da vida humana. Dela, só Deus pode dispor.

Na trindade humana — pai, mãe e filho — nenhum tem domínio sobre os outros. Quanto mais imperfeita é esta união, a qual de facto existe, mais solicitude há-de ter a sociedade na sua defesa, que não colaborando na sua destruição.

O aborto, só por si, haveria de provocar um sentimento de revolta às entranhas de todo o ser humano, a ponto de nem sequer manter uma discussão sobre a sua legitimidade. Talvez, por isso mesmo, grande parte da população portuguesa não venha a manifestar o seu pensamento no referendo que lhe será proposto.

O hino à vida, composto de práticas que manipulam para a destruir, é um evidente sinal da hipocrisia e da mentira, e nalguns casos de faccionismo, que conduz o homem corrompido e falho da luz da Vida.

Madre Teresa de Calcutá dizia que deixassem nascer os filhos e lhos dessem, ela os criaria. Todo aquele que tem o sentido da vida humana como sagrado, pertença de Deus, só pode dizer e fazer o mesmo.

Os filhos trazem trabalhos para os pais, e dobrados quando crescidos. Os pais trazem trabalhos para os filhos, quando velhos. Todos estes trabalhos contribuem para a remissão do homem, aliados à Cruz de Jesus Cristo Redentor.

Se Deus é posto à margem da vida humana, fica ela sozinha e então não haverá escrupulo em a manipular. Certamente aqui a causa para este estado de coisas.

Todo o reino dividido combate-se a si mesmo. A vida, combatendo-se a si mesma, só pode chegar à própria destruição.

Padre Júlio

ao relento, por causa do medo de dormir dentro das cubatas que ameaçam desabar. E são multidão.

No Domingo passado, depois da Eucaristia, meti-me no meio dos bairros que rodeiam a nossa Casa, chamado de urgência por mulheres, mães de família, aflitas, que procuravam segurar a sua casa, antes de cair, com as chuvas prestes a chegar. De repente, vi-me rodeado pelas crianças, filhas e filhos, que residem no bairro, a cantar e a dançar de contentes, por me verem no meio dos pobres, em extrema pobreza e miséria. Quem dera que nós, os padres da Santa Mãe Igreja nos deixássemos queimar pelo fogo da Caridade evangélica e levássemos a fogueira aonde mais ninguém vai. É aí o nosso lugar, em primeira ocupação. Podemos ser mestres e peritos em alguns ramos de actividade. Que bom! Mas, o que o povo espera de nós, em primeiro lugar e acima de tudo, é a revelação do Amor maternal de Deus e da Igreja, cuja missão nos foi confiada, por força da nossa consagração. Por isso, os pobres mais

pobres exultam de alegria quando nos vêem no seu meio.

Vi as casas onde vivem. Senti vergonha em mim mesmo e de tal modo humilhado pelas condições desumanas em que habitam que não posso resistir ao impulso interior de fazer tudo o que está ao meu alcance. Ali ninguém vai. Nem o Estado, nem outras Organizações. Mas deve ser o lugar privilegiado da Mãe Igreja, de quem sou filho e servo. Muito pouco posso fazer, se não deres a tua ajuda. É um problema de Fé, mas, antes de mais, é um problema de humanidade. Como podes dormir tranquilo, indiferente, perante o clamor da tua humanidade, na humanidade destes homens, mulheres, filhos e filhas? Anda, sai do teu egoísmo e dá o salto para o campo da generosidade em busca da alegria que te persegue. Entretanto, como o grão de mostarda e o fermento do Evangelho de hoje, quero ser transformado pela energia do Reino para ir sempre mais longe e em maior profundidade. Aceitai a proposta!

Padre Manuel António